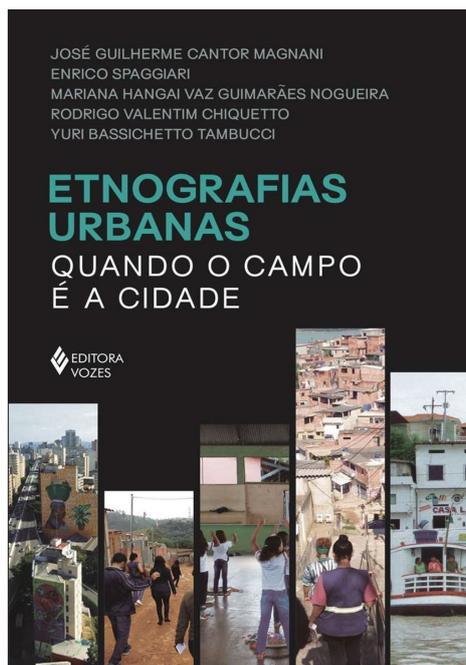


De perto e de dentro do método etnográfico urbano

Bianca Siqueira Martins Domingos 
Universidade de São Paulo | São Paulo, SP, Brasil
biancasiqueira.m@gmail.com

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v33i2pe226780



MAGNANI, José Guilherme Cantor Magnani; SPAGGIARI, Enrico; HANGAI, Mariana, CHIQUETTO, Rodrigo; TAMBUCCI, Yuri Bassichetto. 2023. Etnografias urbanas: quando o campo é a cidade. Petrópolis, RJ: Vozes.

A escolha pelo método etnográfico¹ implica ao pesquisador um mergulho em um oceano de imponderáveis que estão susceptíveis a ocorrer desde as primeiras incursões até a conclusão da pesquisa. A imponderabilidade está em ser aceito ou não pelos interlocutores, na dificuldade em se obter informações, nos riscos envolvidos na pesquisa e em tudo mais que pode acontecer enquanto se está em campo. Não há receita pronta diante do imponderável e, portanto, manuais sobre etnografia não são nem um pouco confiáveis.

¹ Diante do debate de caráter teórico-metodológico sobre a Etnografia ser ou não um método, optou-se, nesta resenha pelo uso do termo “Método Etnográfico” visando manter um alinhamento com a abordagem dos autores da obra resenhada. Mariza Peirano (2014: 383) argumenta no artigo “Etnografia não é método” que o uso do termo “Método Etnográfico” é apropriado pelos “não iniciados”, ideia que se alinha ao discurso na introdução do livro que traz a dedicatória aos jovens estudantes de Antropologia em seus começos de estudo e incursões a campo e a pesquisadores de outras áreas.



e226780

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v33i2pe226780>

O livro aqui resenhado, que já anuncia no prefácio que “não se quer manual” (Magnani et al., 2023: 11), é organizado a partir de pesquisas desenvolvidas no âmbito do Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo (LabNAU) e traz um espectro de possibilidades de enquadramentos metodológicos para realizar pesquisas em uma metrópole como São Paulo ou em pequenas cidades sem se perder e sob diferentes áreas que abrangem das Ciências Sociais à “Geografia, Arquitetura e Urbanismo, Comunicação, Ciências da Saúde”, áreas “cada vez mais interessadas na contribuição da Antropologia em geral e de seus instrumentos de pesquisa, em particular” (Magnani et al., 2023: 16).

Da experiência à prática, o *Etnografias Urbanas* é estruturado em três partes que, a cada virar de página lida, nos instiga a acionar o ‘modo campo’². A primeira parte foi escrita pelo José Guilherme Cantor Magnani, um dos grandes nomes dos estudos da Antropologia Urbana e no qual tenho a honra em tê-lo como meu supervisor de pós-doutorado, e aborda as linhagens da etnografia urbana perpassando pelos nomes do ‘Outro’, pela gênese do método em diferentes escalas, e, por fim, pelas categorias e procedimentos. A segunda parte, escrita pelo Yuri Tambucci, Rodrigo Chiquetto, Mariana Nogueira e Enrico Spaggiari, salta da teoria para a prática ao discutir o antes, o durante e o depois dos ‘fazer’ etnográficos pela cidade perpassando pela leitura de etnografias, pela escolha dos instrumentos, pelo trabalho de campo e findando na abordagem sobre o texto etnográfico. A terceira parte da obra demonstra que o fazer etnográfico nem sempre é solitário tal qual o “modelo malinowskiano” (Magnani et al., 2023: 211) e pode sim ser coletivo. Para provar esse ponto, pesquisas como a EtnOcupação são apresentadas e demonstram a importância em se estabelecer um protocolo para pesquisas realizadas à várias mãos.

As estratégias de demonstração de que “não existe só uma forma de fazer etnografia” (Magnani et al., 2023: 17) estão presentes do início ao fim dessa obra e residem na abordagem da contribuição conceitual de autores clássicos como “James Frazer, Bronislaw Malinowski, Radcliffe-Brown, Ruth Benedict, Claude Lévi-Strauss”, dos contemporâneos, como “Roy Wagner, Tim Ingold, Donna Haraway e Marilyn Strathern” (Magnani et al., 2023: 275 – 276), e na diversidade de experimentos de etnografia urbana apresentados pelos autores.

Além dessas elucidações sobre as muitas formas de se fazer etnografia urbana, a obra é também marcada pelas tríades, ou “balizas metodológicas” que são “reinventadas conforme cada novo objeto” (Magnani et al., 2023: 11). *Incursão, caminhada e expedição; cenários, atores e regras; caderno de campo, relato de campo e relatório de pesquisa; observação, descrição e escrita; pré-campo, trabalho de campo e pós-campo* são algumas das tríades que serão detalhadas nesta resenha e que auxiliam na aplicação do método etnográfico e na organização da pesquisa por parte do leitor.

Além das tríades, destaca-se na obra as categorias ligadas à dimensão territorial/espacial: *pedaço, mancha, pórtico, trajeto* e *circuito* que foram criadas e

² A página 120 do livro resenhado explica que a expressão ‘modo campo’ foi empregada pela pesquisadora Ana Leticia de Fiori, do LabNAU, “no sentido de se estar atento, ligado o tempo todo quando em campo, mesmo em momento não especificamente de pesquisa”. É a “condição de imersão continuada no contexto de pesquisa, quando o pesquisador está atento às situações e dinâmicas a que não dedicaria atenção em sua vida cotidiana, fora do contexto etnográfico”.

desdobradas pelo Magnani e que hoje são apropriadas por pesquisadores mundo afora. Começo pelo *pedaço*, que pode ser categorizado como o “espaço intermediário entre aqueles dois domínios, a casa e a rua” e pode ser considerado “o lugar do *chegado*” (Magnani et al., 2023: 54). Já as *manchas* podem ser caracterizadas como “áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante” (Magnani, 2002: 22). A categoria *trajeto*, que é permeada por travessias que são viabilizadas por outra categoria, a dos *pórticos*, aplica-se:

a fluxos recorrentes no espaço mais abrangente da cidade e no interior das manchas urbanas: é a extensão e, principalmente, a diversidade do espaço urbano além do bairro que colocam a necessidade de deslocamentos, não aleatórios, por regiões mais distantes. Os trajetos levam de um ponto a outro através dos pórticos: espaços, marcos e vazios na paisagem urbana que configuram passagens, pois já não pertencem ao pedaço ou mancha de cá, mais ainda não se situam nos de lá (Magnani et al., 2023: 59).

A categoria *circuito* “designa uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, espaços e equipamentos que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial”, com fronteiras e localizações bem delimitadas que possibilitam a sociabilidade “por meio de encontros, comunicação e manejo de códigos é mais diversificada e ampla do que na mancha ou pedaço”. Podemos encontrar vários circuitos pela cidade: dos LGBTQIAPN+, dos “cinéfilos, dos grafiteiros, skatistas, evangélicos, umbandistas, os campos de futebol de várzea e assim por diante” (Magnani et al., 2023: 60). Essas categorias surgiram da pesquisa de campo e permitiram demonstrar que “contrariamente à ideia muito difundida do caos, da fragmentação, do desencontro que caracterizariam uma metrópole de grande porte, é possível detectar regularidades em sua dinâmica” (Magnani et al., 2023: 61 – 62).

Os deslocamentos pelo espaço urbano são categorizados na tríade *incursão*, *caminhada* e *expedição*. Início pela *incursão etnográfica*, que é “um momento em que o pesquisador deve ir aberto para entender o que o próprio campo (as pessoas, as situações, o espaço, os símbolos...) lhe apresenta”, deixando-se “conduzir pela realidade que observa” (Magnani et al.: 2023, 147). Mais sistematizada e com um objetivo claro, a *caminhada etnográfica* “consiste em realizar um percurso, delimitado de antemão, em determinado território”, que demanda um “mapeamento prévio do local e trajetos que serão realizados – nunca deixando de se considerar que ambos podem ser alterados dependendo dos acontecimentos imprevistos ocorridos em campo” (Magnani et al., 2023: 205). Com o foco em um exercício mais estruturado e com uma duração mais longa, a *expedição etnográfica* visa “o reconhecimento e imersão em um determinado contexto de estudo, a partir de um levantamento mais completo de dados sobre aquela realidade, apontando para regularidades e eixos de observação” (Magnani et al., 2023: 207). Essa permanência no espaço (que dura em geral uma ou duas semanas) pode revelar ao pesquisador algumas regularidades, contradições e desvelar informações mais aprofundadas do contexto social estudado.

Percorrer *pedaços, manchas, pórticos, trajetos e circuitos* por meio das *incursões, caminhadas* ou *expedições* exige do pesquisador mais que um caderno de campo em mãos e a aplicação do método e dos demais regramentos: é preciso sensibilidade, elucidada tão bem nas palavras de Willis (2000, VIII) na página 287: “a etnografia é o buraco da agulha através do qual os fios da imaginação devem passar”. Para perceber, observar e acompanhar as astúcias, os contornamentos, as estratégias, as agências, as táticas e as mediações dos atores em campo é necessário sensibilidade por parte do pesquisador. Por essa perspectiva sensível de se fazer etnografia urbana, a abordagem “de perto e de dentro” se atém à perspectiva microscópica (Geertz, 1988), fragmentária, no plano das sutilezas e dos pormenores da vida social. Essa abordagem é uma forma:

“especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos seus interlocutores e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para explicar ou interpretar a lógica de sua visão de mundo, mas para segui-los até onde seja possível e, numa relação de troca, contrastar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente” (Magnani, 2009: 135)

Porém, é importante ressaltar que esse tipo de perspectiva não se opõe a seu par lógico que é o olhar “de fora e de longe”, próprio de outras ciências mais preocupadas com processos sociais de larga escala” (Magnani et al., 2023: 106). Entre o “de fora e de longe” e o “de perto e de dentro” há “planos intermediários” em que, a partir da modulação do olhar, pode-se capturar “nuanças e gradações que permitem variar ângulos e escalas de observação” (Magnani et al., 2023: 67).

Ainda sobre a construção de perspectivas na pesquisa etnográfica, a tríade *cenários, atores e regras* “ajuda a orientar o olhar durante o campo” e “fornece uma estrutura por onde começar a observar e descrever”. O *cenário* “é constituído pelos elementos físicos que se podem perceber – o espaço, equipamentos, pontos de referência, clima, cheiros, cores, marcos na paisagem, sinalizações, monumentos, intervenções”. Para descrever os *atores* “é preciso, ainda que provisoriamente, classificá-los, identificando as relações que estabelecem entre si” (Magnani et al., 2023: 112). As regras tratam-se “dos significados atribuídos às práticas dos atores, das regularidades dos comportamentos, dos contra usos, usos não previstos e dos conflitos e negociações que se estabelecem [...] explícitas ou implícitas” (Magnani et al., 2023: 113).

Nessa altura do texto, você deve estar pensando no tamanho do desafio de articular tantos elementos durante a pesquisa etnográfica. Na página 77 do livro resenhado está a confortante (ou perturbadora) frase do Paul Radin, que nos lembra que: “ninguém sabe muito bem como faz o próprio trabalho de campo”. Em meio às incertezas inerentes ao trabalho de campo, ler etnografias e se preparar para o antes (*pré-campo*), o durante (*trabalho de campo*) e o depois (*pós-campo*) da pesquisa pode nos trazer algumas direções. A preparação para a pesquisa com o levantamento de dados, de materiais bibliográficos e de pontos importantes a serem considerados perfazem o *pré-campo*.

Quando em campo, além da observação aos cenários, atores e regras, há de ser mencionado o duplo movimento de “transformar o exótico em familiar” e “transformar o familiar em exótico” (Roberto DaMatta ([1974] 1981)), produzindo um estranhamento que é fundamental na direção do olhar etnográfico. As seções ‘cultivo da espontaneidade’ (Magnani et al., 2023: 84), ‘educação da atenção’ (Magnani et al., 2023: 100) e ‘ser afetado’ (Magnani et al., 2023: 126) são um dos muitos trechos do livro que libertam o leitor do tecnicismo dos protocolos metodológicos rígidos e o aproxima da artesanidade e da sensibilidade: “numa primeira ida a campo, a recomendação é deixa-se afetar – na terminologia de Favret-Saada, pelos sons, cheiros, cores, perceber o entorno, as edificações, objetos” (Magnani et al., 2023: 67).

O pós-campo é o momento de dar detida atenção aos dados coletados e registrados no caderno de campo (ou nas fotografias, vídeos, gravações e outros recursos) durante a pesquisa e organizá-los para iniciar as tessituras de observações e narrativas nos *relatos de campo* que, posteriormente, serão incorporados ao *relatório de pesquisa*. É o momento de transpor a experiência vivida em campo para o texto. Esses “modelos interdependentes” (Magnani et al., 2023: 141) mencionados das formas textuais resultantes da etnografia também recebem atenção especial dos autores. Para Magnani (1997: 11), “quando já se está “aqui”, o caderno de campo fornece o contexto de “lá””. O bom e velho *caderno de campo*, seja ele físico ou digital, é um dos principais instrumentos do etnógrafo. O *relato de campo* pode ser descrito como a transposição organizada das informações registradas no *caderno* com locais, datas, horários, registro dos atores envolvidos, percursos e demais informações que poderão ser consultadas e analisadas ao longo da pesquisa (Magnani et al., 2023: 152). O material de pesquisa organizado, sistematizado e codificado perfazem o *relatório de pesquisa*, que pode ser tanto parcial quanto final e visa expor publicamente a etnografia realizada. O relatório “pode ter um caráter mais descritivo ou pode, também, buscar interpretar as experiências da pesquisa etnográfica à luz das mais diversas abordagens teóricas” (Magnani et al., 2023: 154).

A construção do *caderno de campo*, do *relato* e do *relatório* são baseadas, sobretudo, nos exercícios de *observação*, *descrição* e *escrita*, a última tríade a ser apresentada nesta resenha e que são etapas fundamentais do fazer etnográfico (Magnani et al., 2023: 114). A observação participante, um dos pontos nevrálgicos do fazer etnográfico e que teve como precursores Franz Boas, Robert Lowie e Bronislaw Malinowski, traz à pesquisa a perspectiva do olhar ‘micro’, voltando sua atenção a:

“pormenores e sutilezas da vida social, sem abdicar da comparação e da criação de unidades mais amplas de sentido. Pelo contrário, parte-se do pressuposto de que os fragmentos, observados de perto e de dentro, são capazes de arranjar-se “num todo que oferece a pista para um novo entendimento”” (Magnani, 2009: 106 – 107)

Durante a observação participante coleta-se dados por meio de variadas técnicas (como entrevistas ou aplicação de questionários, por exemplo) que permitirão a *descrição* do que foi observado nos *cenários*, *atores* e *regras* durante a pesquisa. Ao descrever a realidade pesquisada, trazemos ao texto o elemento da subjetividade que “não deve ser

escondida, mas deixada à mostra no processo de descrição” (Magnani et al., 2023: 130). A escrita, ato que permeia todos os processos do fazer etnográfico, é abordada das mais diversas formas ao longo do livro de maneira descomplicada e aplicada em diversos experimentos concentrados na Parte III por meio dos relatos de experiências coletivas desenvolvidas no Núcleo de Antropologia Urbana, como: a pesquisa EtnOcupação³, a pesquisa coletiva no SESC-SP⁴, a etnografia coletiva sobre os danos aos bens imateriais na bacia do Rio Doce⁵, e as etnografias realizadas em Escolas Ativas no Brasil e nos Centros de Educação Unificada (CEUs).

Dentre as tantas virtudes deste livro, a que gostaria de ressaltar é a da abordagem tanto teórica quanto prática das experiências de trabalho de campo coletivo supracitadas. As potencialidades de se estar coletivamente em campo emergem a cada percepção compartilhada, nas sugestões pautadas em diferentes visões e nos debates que contribuem na construção da pesquisa de maneira plural, colaborativa e diversa.

As tríades abordadas nessa resenha se interseccionam em suas epistemes e práticas ao passo que uma estratégia para registrar as *observações* durante a pesquisa etnográfica é se ater aos *cenários*, *atores* e *regras*. Para realizar *incursões*, *caminhadas* e *expedições* é preciso realizar a preparação *pré-campo* e, claro, não deixar de levar o *caderno de campo*, instrumento de suporte às escritas das *descrições* durante o *trabalho de campo*, que servirão de base para o *pós-campo* na elaboração do *relato de campo* e, posteriormente, do *relatório de pesquisa*. Esse jogo de intersecções entre as tríades não precisa ser necessariamente nessa ordem, obviamente.

Essas balizas metodológicas triádicas são acionadas ao longo de todo o livro e em muitas pesquisas conduzidas pelo Prof. Magnani ao longo de sua carreira. Porém, nesta coletânea, não se trata de uma mera repetição temática e conceitual, mas sim de uma reiteração da perenidade e da proficuidade da aplicação destas balizas em pesquisas com temas, áreas de conhecimento e contextos tão diversos. Além das tríades, destaco os diálogos teóricos e etnográficos que os autores propõem entre a antropologia urbana e as diferentes áreas do conhecimento por meio de exemplos de pesquisas coletivas que trazem à luz essas travessias interdisciplinares.

Mesmo contando com relatos de experiências etnográficas clássicas ao redor do mundo e experiências contemporâneas vividas em outras cidades brasileiras, essa obra é inegavelmente atravessada pela complexa metrópole paulistana. Esse atravessamento manteve-se inclusive no lançamento do livro, que ocorreu em uma noite chuvosa do dia 11 de agosto de 2023 na... Galeria Metrôpole! Situada na Avenida São Luiz, a galeria é um ícone importante da arquitetura moderna de São Paulo e também um marco cultural e histórico

³ Essa etnografia foi realizada na ocupação da reitoria da USP aconteceu em 2007 que levou a um trabalho de campo de quase dois meses. “Em maio daquele ano, a reitoria da Universidade de São Paulo (USP) foi ocupada por um grupo de cerca de duzentos estudantes, em reação à ausência do vice-reitor em uma audiência marcada com representantes do movimento estudantil para discutir a criação de uma nova Secretaria do Ensino Superior” (Magnani et al., 2023: p. 192).

⁴ “O estudo foi realizado em duas etapas: a primeira em 2015, contemplando nove unidades do Sesc, sendo seis delas na capital, uma no interior, uma na grande São Paulo e uma no litoral e a segunda etapa em 2017, concentrada em cinco unidades do interior paulista” (Magnani et al., 2023: p. 210).

⁵ A pesquisa visou avaliar o impacto “aos bens arqueológicos e culturais decorrentes do desastre ocorrido por ocasião do rompimento da Barragem do Fundão, em Mariana, Minas Gerais” (Magnani et al., 2023: p. 238).

da cidade. O lançamento no Tapera Taperá contou com a falas dos organizadores que foram orientados pelo Professor Magnani para uma plateia que contava com orientados, orientandos, ex-alunos e leitores.

Referências Bibliográficas

- Albert, Bruce. 2014. “Situação Etnográfica” e movimentos sociais. Notas sobre o trabalho de campo pós-malinowkiano. *Campos – Revista de Antropologia UFPR*, 15(1), p. 129-144. <http://dx.doi.org/10.5380/campos.v15i1.42993>.
- DaMatta, R. O ofício do etnólogo ou como ter “anthropological blues”. In: nunes, E. (org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, [1974] 1981
- Geertz, C. *Works and lives – The anthropologist as author*. Stanford: Stanford University Press, 1988.
- Magnani, J. G. C. O [velho e bom] caderno de campo. *Sexta-feira*, São Paulo, n. 1, p. 8 – 11, 1997.
- Magnani, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, 2002.
- Magnani, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos* [online], v. 15, n. 32, 2009, p. 129 – 156. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832009000200006>.
- Magnani, José Guilherme Cantor Magnani; Spaggiari, Enrico; Hangai, Mariana, Chiquetto, Rodrigo; Tambucci, Yuri Bassichetto. *Etnografias urbanas: quando o campo é a cidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.
- Peirano, Mariza. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, v. 20, n. 42, p. 377–391, jul. 2014.
- Willis, P. *The ethnographic imagination*. Malden: Blackwell, 2000.

sobre a resenhista

Bianca Siqueira Martins Domingos

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional na Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP). Pesquisadora de Pós-doutorado pelo Núcleo de Antropologia Urbana (NAU) do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade pela Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI). Graduada em Administração pelo Centro Universitário Teresa D’Ávila – (UNIFATEA). Atua como Especialista em Educação Profissional na Gerência de Educação (GED) da Sede do SENAI SP. Atualmente é Editora Assistente da Revista do Núcleo de Antropologia Urbana - Ponto Urbe da USP.

Autoria: A autora é responsável pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Recebido em 02/07/2024.

Aprovado para publicação em 16/08/2024.